

MANSUR, Felipe. *A sexta história: a face trágica da narrativa em A hora da estrela*. São Paulo: Annablume, 2011. 122 p. ISBN: 978-85-3910-207-5

## **Renata Viol Ferreira da Silva**

Graduada em Normal Superior - UEMG/Barbacena

renata.viol@yahoo.com.br

## **Lílian Veiga de Carvalho**

Graduanda em Pedagogia - UEMG/Barbacena

lili.g3@hotmail.com

Felipe Bastos Mansur da Silva é Doutor em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, tendo obtido bolsa Aluno Nota 10 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro. É também Mestre em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com a dissertação *A face trágica da narrativa em A hora da estrela*. Atua desde 2005 no magistério, tendo pertencido, inclusive, ao Departamento de Letras Vernáculas do Curso de Letras da UFF como professor de Literatura Brasileira. Atualmente é professor de Literatura e Produção Textual da 3ª série do ensino médio do Colégio Santo Inácio.

A presente resenha é de sua dissertação, publicada pela Annablume sob o título *A sexta história: a face trágica da narrativa em A hora da estrela*. Nessa obra, Mansur se propõe a buscar no texto de Clarice Lispector a condição do pensamento trágico, que segundo o autor é mais claramente observado em sua última obra em vida - *A hora da estrela*, na qual Lispector enfoca o drama social urbano das grandes cidades. Para assinalar a concepção de consciência trágica, o autor utiliza como principal teórico Jean-Pierre Vernant, que

apesar de defender a impossibilidade de se reviver a tragédia grega na modernidade, ao declarar a invenção do homem angustiado na tragédia, mostra seu legado permanente, ou seja, a necessidade do espírito trágico em tempos de crise.

O livro é dividido pelo autor em três momentos. No primeiro momento, ele analisa a forma da narrativa; no segundo, a ênfase recai sobre a linguagem; no terceiro, discute sobre a consciência trágica presente em Rodrigo S. M. e como ela afeta a construção e a reflexão da narrativa.

Assim, no primeiro capítulo, intitulado *A forma trágica*, o autor parte do pressuposto de que em *A hora da estrela* há um diálogo da narrativa com o gênero dramático. Para ele, Lispector ultrapassa o limite do naturalismo e ao utilizar o melodramático, o humor negro, o cômico, além de retratar sujeitos produtos da história, abre a possibilidade de a literatura refletir sobre a realidade, ou seja, ao construir a narrativa que trata diretamente da realidade social, ela dialoga com a crise, recriando essa mesma realidade, resultando numa nova produção fictícia do real.

Em diálogo com Vilma Arêas e Arnaldo Franco Jr., o autor analisa características dos personagens, consideradas pela primeira como *clowns*, que carregam em si uma natureza ambígua, ligadas a um aspecto de tragicidade e solidão e pelo segundo como *cúmulo*, na situação vivida por Macabéa, que com o absurdo ultrapassa a linha limite do verossímil. O autor ainda analisa a posição do narrador Rodrigo S. M. que, como *clown*, porta-se como o mestre de cerimônia do espetáculo circense, conduz a trama e desvela o processo criativo questionando o papel intelectual do escritor e da condição da literatura em lidar com a realidade.

Em seguida, o autor faz colocações acerca da relação entre o real e o ficcional presente nas obras literárias, considerando que o texto é fruto de escolhas do autor que apresenta elementos da realidade para serem transgredidos. Nesse ponto, o imaginário seria uma ponte que possibilitaria a transgressão dos limites entre o real e o ficcional, o que para o autor pode ser observado em *A hora*

*da estrela* nas escolhas realizadas por Lispector, que são reveladas no texto e na apresentação e combinação de aspectos da realidade ali presentes. Considera, ainda, a obra literária uma pergunta que traduz uma nova realidade e, ao combinar elementos estranhos, demonstra a impossibilidade de se encontrar uma resposta para a condição trágica do homem.

No segundo capítulo, o autor descreve o papel da linguagem na tragédia comparando ópera e palavra. Para ele, o escritor se relaciona tão intimamente com a linguagem que por ela só cria sua realidade. Na ópera, ela se une à música. As palavras sozinhas possuem condição trágica, uma vez que têm em si condições inerentes de limitação: nem sempre o conteúdo falado é o que se ouve. É justamente em sua função social que a palavra se torna trágica, já que é na sua incapacidade que isso acontece. Em *A hora da estrela*, o narrador Rodrigo S. M. é o personagem que vivencia o conflito, visto que no papel de narrador vive a ambiguidade da palavra, numa narrativa abstrata que deseja tornar-se figurativa.

A música também assume papel na tragédia, presente em momentos no texto de Clarice Lispector. Ela possibilita a Macabéa sair de seu estado de ausência linguística e encontrar-se intimamente com o objeto artístico. A música desperta no narrador, mesmo sendo um sujeito que tem a palavra como elemento essencial, uma experiência que extravasa seu eu.

O autor observa a ópera como uma tentativa de resgate do espírito da tragédia clássica, juntando palavra e música numa relação em que ambas têm suas limitações e potencialidades desenvolvidas. A ópera na narrativa de Lispector passa necessariamente por essa relação, pois a música age no momento em que a palavra se finda e o operístico é construído sobre a condição trágica da linguagem.

No terceiro capítulo, o foco está presente na consciência trágica, e Rodrigo S. M. é o elemento essencial da análise. Assumindo forma aparentemente simples, o narrador traz

consigo várias possibilidades incompletas e conflituosas, não representando um homem, mas quantos um só homem pode representar. Rodrigo sabe seu destino e acredita que na literatura possa compreendê-lo, mas não fugir dele; a tragédia coloca o herói em situações de fracasso, de desesperança. Rodrigo S. M. escreve, sabedor de que seu ofício não é bem visto aos olhos da sociedade. Além de tudo, é um burguês obstinado a falar sobre a miséria que mal conhece, assume ser desonesto e convida o leitor a observar o outro de longe, saindo de si mesmo. A consciência trágica do narrador não o leva nem à ruína destinada aos heróis da tragédia clássica, tampouco à glória inalcançável.

Fazem parte do conflito vivido pelo narrador outros elementos que constituem a tragédia clássica e o principal, em seu caso, é a “força maior”. Macabéa, assim como muitos, não questiona sobre Deus simplesmente por conformismo. Para Rodrigo S. M., o Criador é uma possibilidade presente a todo tempo sem jamais concretizar-se. Está no tempo, para a tragédia clássica, o grande impedimento para que os homens compreendam o divino, uma vez que para a humanidade há um tempo cronológico; já no universo divino há uma junção de presente, passado e futuro no mesmo tempo.

Àquela que não ousa questionar, Macabéa, advém, justamente de Rodrigo S. M, como que uma extensão dele próprio, que a usa para vivenciar suas indagações. Contudo nela não se pode encontrar a consciência trágica da narrativa, pois não tem ao menos ciência se é ou não feliz; foi fadada desde o nascimento ao destino dos miseráveis e seu único desejo era viver. E no momento em que a personagem, pela primeira vez, sente-se plena, como parte do drama, é morta pelo narrador.

Com este livro Mansur procura recontar *A hora da estrela* sob o olhar da consciência trágica, analisando o narrador Rodrigo S. M., que consegue transformar a narrativa num relato da tragédia da modernidade a partir da problematização do ato de narração social. Entre o vasto

trabalho de crítica da obra de Clarice Lispector, Mansur traz originalidade ao assunto ao tratar do pensamento trágico na obra da autora, além de refletir sobre a relação entre literatura e condição (trágica) humana. De fácil e agradável leitura, a versão reescrita de sua dissertação é acessível ao público em geral.

Resenha recebida em: 1/1/2012

Aprovada para publicação em: 2/1/2012